

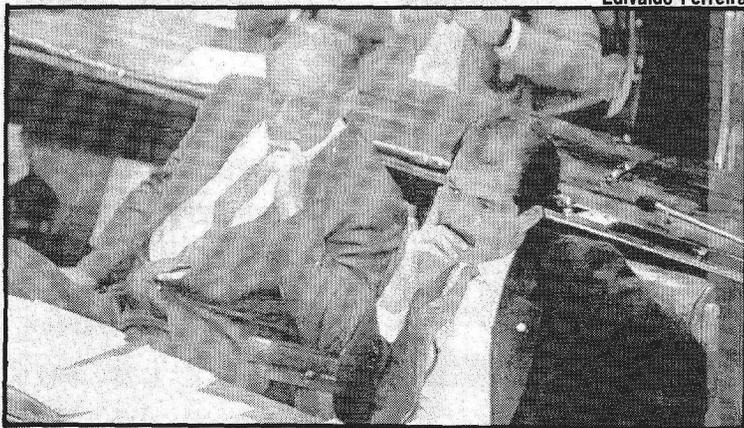
# Três horas de um especialista em plenário

Edivaldo Ferreira

## Parlamentares foram vencidos pelo cansaço

BRASÍLIA — Como bom estrategista de plenário, o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE) obstruiu, com sucesso, a sessão de seu depoimento. Usando do direito regimental de fazer uma exposição inicial antes da inquirição, o ex-relator da Comissão do Orçamento começou, taticamente, vencendo os membros da CPI do Orçamento pelo cansaço: um discurso de mais de três horas jogou água fria no ânimo dos presentes, que se entregaram aos bocejos.

No longo preâmbulo, Fiúza negou todas as acusações e veladamente anunciou aos membros da CPI que poderia partir para o enfrentamento citando nomes de parlamentares que teriam feito pedidos para privilegiar suas emendas na fase de elaboração do Orçamento. Avisou que tinha um roteiro de oito pontos listados para sua defesa, e que um deles discorreria minuciosamente sobre o sistema de liberação de verbas de subvenção social na sua gestão à frente do Ministério da Ação Social. Revelou ter em seu poder centenas de bilhetes "das mais ilibadas pessoas" contendo pleitos. Para expor os motivos que levaram à substituição do deputado João Alves da Comissão, leu documentos, atas interminá-



Suplicy e Mercadante ouvem, aborrecidos, a longa exposição de Fiúza

veis e recortes de jornais da época.

— Ele está sendo esperto. Quer cansar o plenário e a opinião pública porque sabe que o depoimento é transmitido ao vivo — disse o deputado Aloizio Mercadante (PT-SP).

Fiúza chegou a ser repreendido pelo presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), que pediu sua compreensão para o fato de que havia dezenas de inscritos para o interrogatório. O comportamento do deputado comprovou seu perfil de político agressivo. Ao contrário dos depoentes anteriores, que ficaram na defensiva, Fiúza se lançou no ataque desde o início e não escorregou nas respostas até o fim.

## Crédito na CEF mesmo com cheque sem fundo

BRASÍLIA — Fiúza obteve da CEF um empréstimo em condições privilegiadas. Mesmo tendo apresentado cheques sem fundo, o deputado conseguiu tomar emprestado, em maio de 1991, o equivalente a US\$ 1,5 milhão, com taxas de juros abaixo das de mercado.

O pedido, denunciado ontem na CPI pelo senador Eduardo Suplicy (PT-SP), foi aprovado pelo então presidente da CEF, Alvaro Mendonça. Destinava-se à usina Jaçanã, do filho de Fiúza, Ricardo, e de sua mulher, Ilse. O fiador era o próprio deputado. Segundo Suplicy, o empréstimo foi um mau negócio para a CEF: até hoje não foi pago.